

CAPÍTULO 1

Introdução

O quarto Evangelho vai além das narrativas presentes nos três Evangelhos sinóticos de Mateus, Marcos e Lucas, ao trazer novas dimensões e percepções a partir da história de Jesus.

Enquanto Mateus O apresenta como o Messias prometido, João se aprofunda mais nessa identificação. Ele mostrou, por exemplo, como a Sua morte cumpriu as profecias messiânicas (19.36-37).

Enquanto Marcos apresenta o Filho de Deus operador de milagres, João expõe as implicações reveladoras dessa filiação – “Ninguém jamais viu a Deus, mas o Deus Unigênito, que está junto do Pai, o tornou conhecido” (1.18).

E, enquanto Lucas mostra Jesus como o homem ideal, este escritor O apresenta como a fonte de uma vida eterna e abundante para todos aqueles que crerem nEle de verdade – “Deus... deu o seu Filho Unigênito, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna” (3.16).

Dito isso, o Jesus deste Evangelho é a mesma Pessoa dos três Evangelhos sinóticos. Ele é o Filho de Deus encarnado em carne humana e, portanto, verdadeiramente Deus e verdadeiramente homem. No entanto, João se aprofunda ainda mais do que eles no mistério, no significado e nas implicações da encarnação e o faz sem contradizer ou minimizar de forma alguma o retrato que eles apresentam dEle.

1. SEU AUTOR

Este Evangelho, assim como os três Evangelhos sinóticos, é anônimo. Isso significa que temos de procurar evidências internas e comentários dos primeiros escritores pós-apostólicos, alguns dos quais podem ter tido contato com o escritor ou com aqueles que o conheceram. Ireneu, por exemplo, alegava ter obtido as suas informações de Policarpo, que tinha conhecido João.

1) Evidências internas

Cinco indicadores destacados, em 1893, pelo bispo B. F. Westcott têm sido amplamente aceitos. Eles são:

(1) O escritor era judeu

Ele demonstrou isso por meio do seu profundo conhecimento sobre a vida e os costumes judaicos. Conhecia o Antigo Testamento e o citava com frequência. Ele até iniciou o seu Evangelho com exatamente as mesmas palavras utilizadas pelo autor de Gênesis – “No princípio”. Isso indicava que, em sua mente, a história que ele estava prestes a relatar era, de alguma forma, paralela à história da criação inicial e ligada a ela – cada qual representava um novo começo nas obras de Deus a favor da humanidade.

Subsequentemente, seu conhecimento do Antigo Testamento e de questões judaicas está frequentemente em

evidência. Como observador da crucificação, ele conhecia a esperança messiânica judaica (1.19-28) e conseguia citar profecias do Antigo Testamento que então estavam sendo cumpridas (19.36 segs., citando Salmo 34.20 e Zacarias 12.10). Ele também conhecia os preconceitos judaicos, como aqueles contra as pessoas de Nazaré e os samaritanos (1.46; 4.9). Além disso, era conhecedor das festas judaicas (5.1; 7.37-39; cf. 13.1 segs.; 19.16) e da prática de lavar os pés dos convidados antes de participarem da refeição da Páscoa (13.1-17). Ademais, estava ciente dos costumes judaicos de sepultamento (19.40). Ele era – deve ter sido – judeu.

(2) O escritor era um judeu palestino

João frequentemente demonstrava um profundo conhecimento das situações de vida na Palestina na época de Jesus. Ele estava muito familiarizado com Jerusalém, seu templo e seus arredores como, por exemplo, Betânia e o vale do Cedrom (12.1-11; 18.1). Sabia que o tanque de Betesda tinha cinco colunas em sua volta e que pessoas com deficiências ficavam ao redor do tanque, esperando um movimento especial das suas águas (5.1-7). Conhecia e mencionava diversos lugares sem muita importância, como Betânia, do outro lado do Jordão (1.28), Caná da Galileia (2.1) e Enom, perto de Salim (3.23). Obviamente, este autor conhecia os lugares onde Jesus atuou.

(3) O escritor era uma testemunha ocular do ministério de Jesus

Ele disse: “Vimos a sua glória [de Jesus]” (1.14; cf. 19.35). Como testemunha ocular, ele registrou cuidadosamente as horas precisas e os lugares exatos onde ocorreram vários acontecimentos da vida de Jesus (1.39; 4.6,52; 5.14; 10.23; 18.28; 19.13).

(4) Ele era um apóstolo

Este autor demonstra um profundo conhecimento daquilo que acontecia no grupo de apóstolos. Ele conhecia os seus pensamentos e, obviamente, era um deles (2.17; 4.27-33; 11.7-13). Ainda mais significativo era o fato de ele ter um profundo conhecimento do nosso Senhor e escrever de modo a demonstrar um relacionamento muito íntimo com Ele – o autor tinha ciência de que Jesus sabia, de antemão, o que ia fazer e até o que os Seus inimigos estavam tentando fazer (6.6,15).

(5) Ele era João, o apóstolo

Em várias ocasiões, ele falou a respeito de um “discípulo a quem Jesus amava” (13.23; 20.2-9; 21.7; 21.20-24). O fato de o discípulo em questão não ser nomeado sugere que ele era o autor do Evangelho, que, possivelmente por humildade, evita mencionar o seu próprio nome.

Jesus era mais íntimo de três discípulos: Pedro, Tiago e João. Nosso escritor frequentemente menciona Pedro na terceira pessoa e, portanto, indica que ele não era o autor. O fato de Tiago e João, os quais muitas vezes eram o foco nos Evangelhos sinóticos, não serem nomeados de modo algum neste Evangelho sugere que eles foram omitidos deliberadamente pelo autor porque um deles estava envolvido em sua autoria. Todavia, Tiago, conforme aprendemos de Atos 12, foi executado nos primeiros anos da Igreja e, por certo, não estaria vivo quando os Evangelhos estavam sendo escritos. Sendo assim, resta João, filho de Zebedeu, como aquele que mais provavelmente atende aos cinco critérios.